

defesacivil.es
www.defesacivil.es.gov.br
#DefesaCivilSomosTodosNos

SISTEMA DE COMANDO EM OPERAÇÕES

MAJOR MAURICIO

Curso básico de Sistema de Comando em Operações

Fábio Mauricio R Pereira

Maj BM Diretor do Departamento de Defesa Civil da Serra

Email: fabio.pereira@bombeiros.es.gov.br

Insta:@fabio_mauricio30

Unidade I Conceitos Iniciais





APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES



- Nome
- Organização
- **Experiências recentes com SCO**
- Expectativas...



EXPECTATIVAS DO INSTRUTOR

- ✓ Cooperação com o grupo;
- ✓ Ter a mente aberta a novas ideias;
- ✓ Participar ativamente em todas as atividades de capacitação, especialmente os exercícios;
- ✓ Retorno às aulas nos momentos indicados;
- ✓ Usar o que você aprendeu no curso para melhorar seu desempenho quando atuar num SCO.



Unidade 01

Conceitos e histórico



OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao final desta lição, os participantes do curso serão capazes de:

- 1. Diferenciar os termos "emergência" e "situação crítica";
- 2. Enumerar os 4 principais fatores que influenciam as situações críticas;
- 3. Conceituar Sistema de Comando em Operações;
- 4. Discorrer sobre a origem e desenvolvimento do Sistema de Comando em Operações.

CONCEITO DE EMERGÊNCIA

São situações que exigem uma intervenção imediata, mas podem ser atendidas pelos recursos normais de resposta a emergências, sem a necessidade de ações de gerenciamento ou procedimentos especiais.

As emergências representam as ocorrências ordinárias atendidas cotidianamente por bombeiros, policiais, equipes de manutenção de redes elétricas, técnicos de defesa civil, médicos e enfermeiros do SAMU, etc.

CONCEITO DE SITUAÇÃO CRÍTICA

São situações cujas características de risco exigem uma postura organizacional não rotineira para a coordenação e o gerenciamento integrados das ações de resposta.

Por exemplo: acidentes automobilísticos que envolvem múltiplas vítimas, incêndios florestais, acidentes com produtos perigosos, crises policiais com reféns, desastres naturais que exigem a evacuação de comunidades, etc.

Fazendo com que sejam...

























EXERCÍCIO

Em grupos, converse com seus colegas de curso de forma a identificar algumas dificuldades existentes durante a gestão de um desastre

10 MINUTOS





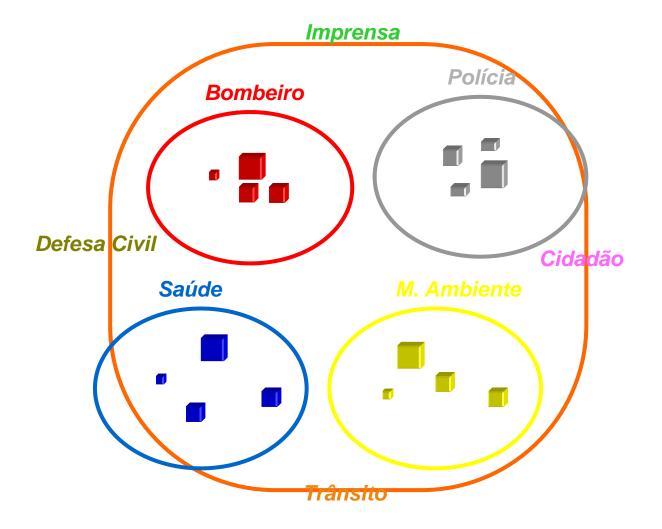
CONSEQUÊNCIAS DE SITUAÇÃO CRÍTICA

- ✓ A falta de uma estrutura clara de comando;
- ✓A dificuldade em estabelecer objetivos e prioridades comuns entre os organismos integrantes da operação;
- ✓A falta do uso de uma terminologia comum entre os envolvidos;
- ✓ Dificuldades de integração e padronização nas comunicações;
- ✓ Ausência de planos e ordens consolidados para a operação como um todo;

CONSEQUÊNCIAS

- ✓A falta de controle sobre os recursos disponíveis;
- ✓A utilização inadequada de recursos especializados;
- ✓A dificuldade no estabelecimento de áreas, acessos e instalações;
- ✓ Produção precária e fragmentada de informações;
- ✓ Relacionamento precário com a imprensa.

PONTOS CHAVES!





PONTOS CHAVES!

- ✓ Comunicação
- ✓ Integração
- ✓ Comando
- **✓ Planejamento**

Relembrando... SITUAÇÃO CRÍTICA

São situações cujas características de risco exigem uma postura organizacional não rotineira para a coordenação e o gerenciamento integrados das ações de resposta.



- √ de alto risco
- ✓ complexas
- ✓ dinâmicas
- ✓ confusas

Por isso...

... um sistema de comando e controle previamente padronizado é importante...





...é desejável que este sistema seja:



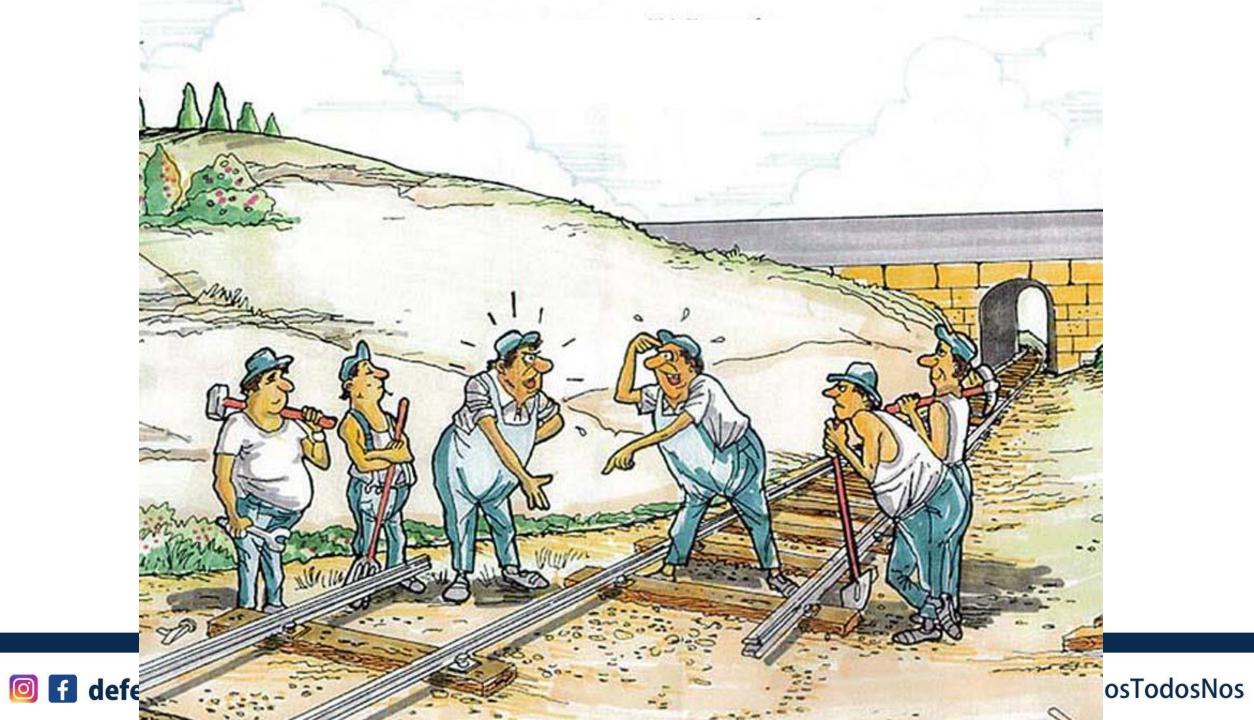
- ✓ Adaptável a qualquer tipo de ocorrência ou operação.
- ✓ Utilizável em qualquer tamanho de ocorrência ou operação.
- ✓ Utilizável com qualquer combinação de órgãos e jurisdições.
- ✓ Ser simples para novos usuários.
- ✓ Ter baixo custo e ser adaptável a novas tecnologias.

O Sistema de Comando em Operações...

- **√Não é um Organograma**
- ✓ Não é um Plano de Contingência
- ✓ Não é uma estrutura física/tecnológica
- **√Não é um Posto de Comando**
- √Não é uma pessoa
- ✓Não é uma viatura

O Sistema de Comando em Operações é um modelo de ferramenta gerencial para comandar, controlar e coordenar as operações de resposta em situações críticas...

infornecendo um meio de articular os esforços de agências individuais quando elas atuam com o objetivo comum de estabilizar uma situação crítica e proteger vidas, propriedades e o meio ambiente.



REVISÃO HISTÓRICA DO ICS

A história do *Incident Command System -* ICS pode ser dividida em três etapas:

- ✓ A origem do ICS;
- ✓A consolidação do ICS; e
- ✓A criação do *National Incident Management System* ou NIMS.



Na década de 70, o problema dos incêndios florestais nos EUA tornou-se tão grave que uma série de incêndios devastadores ocorridos na Califórnia suplantou o sistema de proteção do Estado.



A falta de conceitos unificados e modelos sistêmicos resultaram em problemas operacionais sem precedentes.

Como resultado, o Congresso Norte-Americano recomendou ao Departamento Florestal (*U.S. Forestry*) que desenvolvesse um sistema que pudesse resolver a questão.

Sob a coordenação do *U.S. Forestry*, reuniram-se vários departamentos de bombeiros para desenvolver um sistema de gestão para emergências. Este grupo de trabalho ficou conhecido como FIRESCOPE (*FIrefighting RESources of California Organized for Potential Emergencies*). Dois produtos importantes emergiram deste trabalho inicial: o ICS e o *Multi-Agency Coordination System* (MACS). Em 1980, o ICS acabou sendo adotado oficialmente pelo Estado da Califórnia.

A partir de 1982 o ICS tornou-se referência para o Sistema Nacional de Gerenciamento de Incidentes com Múltiplas Agências (*National Interagency Incident Management System* -NIIMS). Um ano mais tarde, a Academia Nacional de Bombeiros (*National Fire Academy* -NFA) adotou o modelo e iniciou o seu treinamento, reconhecendo-o como a ferramenta modelo para a gestão de emergências.

Nos anos seguintes, outros dispositivos legais e recomendações também passaram a requerer o uso do ICS. Em 1987, a Associação Internacional de Chefes de Polícia (*International Association of Chief of Police* - IACP) recomendou o uso ICS também pelas agências policiais. Em seguida, o ICS foi aceito pela agência de certificação para departamentos de polícia (*Accreditation of Law Enforcement Agencies* - CALEA).

Da mesma forma, em relação aos departamentos de bombeiros, o ICS serviu de base para a norma NFPA 1561 - Standard on Emergency Services Incident Management System. O dispositivo 1910.120 da Agência de Saúde e Segurança Ocupacional (Occupational Safety and Health Administration — OSHA), passou a exigir que todas as organizações que manuseiam produtos perigosos utilizassem o ICS.

A Agência de Proteção Ambiental (*Envirommental Protection Agency* – EPA) também estabeleceu esta obrigatoriedade para os incidentes envolvendo produtos perigosos (*Superfund Amendments and Reauthorization Act* – SARA de 1986). O ICS acabou também adotado pela NETC (*National Emergency Training Center*, da FEMA) e pela *International Maritime Organization* para uso em derramamentos de óleo.



09/11/2001

The day that changed everything!



A CRIAÇÃO DO NIMS

Os atentados terroristas ocorridos nos EUA em 11 Set 2001 representam uma data emblemática para a consolidação do ICS. Como Nova Iorque não adotava o ICS na ocasião, seu desempenho foi comparado ao de Washington, DC, onde a resposta ao atentado contra o Pentágono foi melhor gerenciada, com base no ICS. A Comissão do Congresso que investigou os atentados recomendou então a criação do *National Incident Management System* (NIMS).

A CRIAÇÃO DO NIMS

O NIMS tem como principal elemento o ICS e pretende prover uma gestão padronizada e flexível que facilite às entidades governamentais, não governamentais e privadas, um trabalho integrado em todas as fases do gerenciamento de incidentes, independente do tamanho e da complexidade da emergência, oferecendo um conjunto de estruturas organizacionais previamente padronizadas, bem como procedimentos para garantir a inter-operacionalidade dos envolvidos.

O ICS NO BRASIL

No Brasil, várias experiências foram desenvolvidas a partir do modelo norte-americano. Algumas delas se encontram sedimentadas e bem desenvolvidas em determinados Estados da Federação, donde pode-se citar:

✓O Sistema de Coordenação de Operações de Emergência - SICOE (baseado no padrão de sistema de comando em incêndios, e em uso no Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo);

O ICS NO BRASIL

- ✓O Sistema Integrado de Comando e Operações em Emergência – SICOE, da Coordenadoria Estadual de Defesa Civil do Estado do Paraná;
- ✓O Sistema de Comando em Incidentes SCI (baseado no Padrão OFDA-USAID, em franca utilização no Estado do Rio de Janeiro e Distrito Federal);
- ✓O Sistema de Comando em Incidentes SCI (baseado no padrão USCG, amplamente disseminado pela Secretaria Nacional de Segurança Pública – SENASP praticamente em todo o Brasil);

O ICS NO BRASIL

- ✓O Sistema de Comando em Incidentes (baseado no padrão NIIWS, disseminado pelo Ministério da Meio Ambiente);
- ✓O Sistema de Comando em Operações (baseado nos padrões FEMA e SEMS, da Califórnia, EUA, disseminado pela Defesa Civil do Estado de Santa Catarina e apoiado pelo CEPED/UFSC);
- ✓ O SCO, utilizado e institucionalizado no Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Espírito Santo e Coordenadoria Estadual de Proteção e Defesa Civil.

CONTEXTUALIZANDO...

Quando se verifica o conteúdo e a forma desses modelos é perceptível que todos utilizam o ICS como base conceitual, variando entre si em aspectos bem específicos, decorrentes da diferença de fontes e de aspectos de tradução ou mesmo de adaptações à realidade local de cada Estado.

RECAPITULAÇÃO...



O Sistema de Comando em Operações é um modelo de ferramenta gerencial para comandar, controlar e coordenar as operações de resposta em situações críticas...

...fornecendo um meio de articular os esforços de agências individuais quando elas atuam com o objetivo comum de estabilizar uma situação crítica e proteger vidas, propriedades e o meio ambiente.

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao final desta lição, os participantes do curso serão capazes de:

- 1. Diferenciar os termos "emergência" e "situação crítica";
- 2. Enumerar os 4 principais fatores que influenciam as situações críticas;
- 3. Conceituar Sistema de Comando em Operações;
- 4. Discorrer sobre a origem e desenvolvimento do Sistema de Comando em Operações.

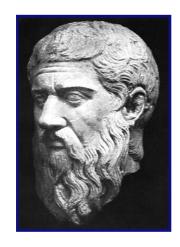
DÚVIDAS OU PERGUNTAS?





REFLEXÃO FINAL...

"Boa parte do processo do aprendizado consiste em relembrar o que já sabemos."



Platão



Unidade II Características e princípios





OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao final desta lição, os participantes do curso serão capazes de:

- 1. Enumerar, corretamente, as três características fundamentais do Sistema de Comando em Operações;
- 2. Descrever os quatorze princípios do Sistema de Comando em Operações.



Fatores que influenciam as situações críticas







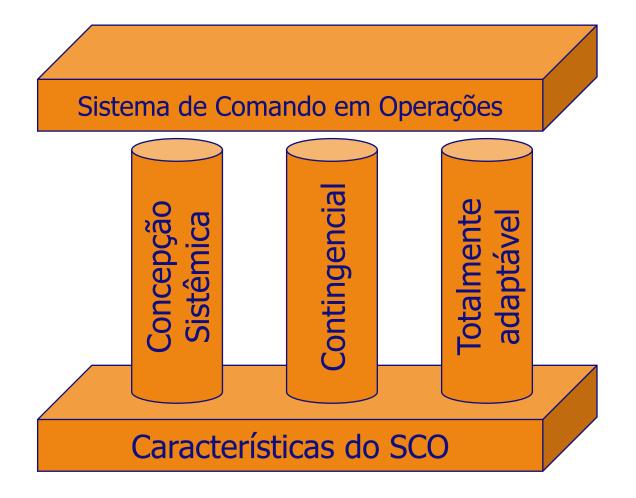


RESULTADO

Estrutura de coordenação e níveis de autoridade indefinidos;

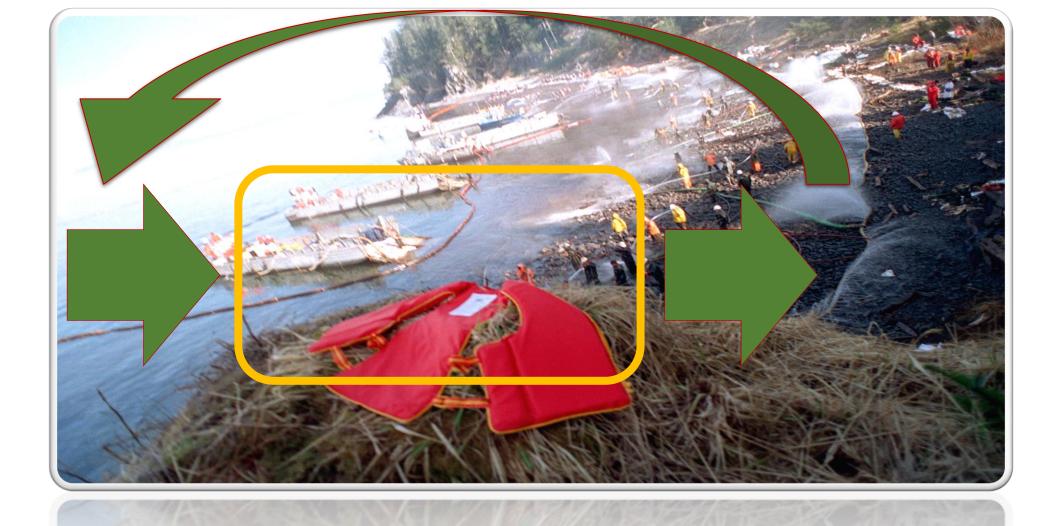
- Comunicação inadequada com os elementos internos e externos à resposta a emergência;
- Fluxo de informações inadequado;
- Falta de controle sobre os recursos;
- Utilização inadequada de recursos especializados;
- Dificuldade no estabelecimento de áreas, acessos;
- Relacionamento precário com a imprensa e órgãos externos.

CARACTERÍSTICAS DO SCO









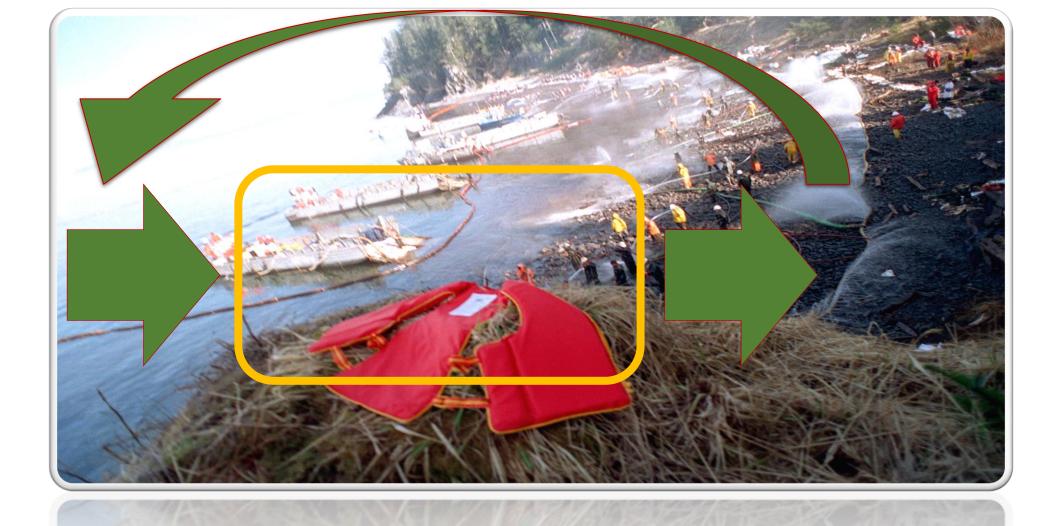
Abordagem sistêmica











Abordagem sistêmica





 Fazer isto de forma sistêmica, em ciclos que progressivamente estabeleçam o controle sobre a situação e a redução dos danos e prejuízos.

PRINCÍPIOS DO SCO

- 1. Comando único ou unificado
- 2. Administração por objetivos
- 3. Uso de Planos de Ação
- 4. Uso de formulários padronizados
- 5. Estabelecimento e transferência de comando
- 6. Cadeia e unidade de comando
- 7. Adequada amplitude de controle
- 8. Organização modular e flexível

- 9. Emprego de terminologia comum
- 10. Instalações, áreas e zonas padronizadas
- 11. Gerenciamento integrado de recursos
- 12. Gerenciamento integrado das comunicações
- 13. Gerenciamento integrado de informações
- 14. Controle da mobilização/desmobilização

PRINCÍPIOS DO SCO

- 1. Comando único ou unificado
- 2. Administração por objetivos
- 3. Uso de Planos de Ação
- 4. Uso de formulários padronizados
- 5. Estabelecimento e transferência de comando
- 6. Cadeia e unidade de comando
- 7. Adequada amplitude de controle

COMANDO ÚNICO OU UNIFICADO

O termo comando único é usado quando apenas uma pessoa, representando sua organização, assume formalmente o comando da operação como um todo, sendo o responsável pelo gerenciamento de todas as atividades relativas situação crítica.

O termo comando unificado é usado numa abordagem mais cooperativa, na qual das representantes organizações envolvidas na resposta a situação crítica atuam em conjunto, a partir do estabelecimento de objetivos e prioridades comuns.

COMANDO ÚNICO OU UNIFICADO



O número de recursos empregados e a responsabilidade legal de cada agência relacionada à operação deve servir de critério para que esta tenha um representante em um comando unificado.

PRINCÍPIOS DO SCO

- 1. Comando único ou unificado
- 2. Administração por objetivos
- 3. Uso de Planos de Ação
- 4. Uso de formulários padronizados
- 5. Estabelecimento e transferência de comando
- 6. Cadeia e unidade de comando
- 7. Adequada amplitude de controle

ADMINISTRAÇÃO POR OBJETIVOS

O estabelecimento de prioridades e objetivos comuns, de forma clara, específica e mensurável, é utilizado para articular os recursos e esforços e acompanhar a evolução da operação.

ADMINISTRAÇÃO POR OBJETIVOS

Os objetivos de uma operação são definidos seguindo as seguintes prioridades:

- 1: Salvar vidas
- 2: Estabilizar o evento
- 3: Preservar os sistemas coletivos essenciais e o meio
- ambiente
- 4: Preservar propriedades

PRINCÍPIOS DO SCO

- 1. Comando único ou unificado
- 2. Administração por objetivos
- 3. Uso de Planos de Ação
- 4. Uso de formulários padronizados
- 5. Estabelecimento e transferência de comando
- 6. Cadeia e unidade de comando
- 7. Adequada amplitude de controle

USO DE PLANOS DE AÇÃO

É a ferramenta para consolidar o gerenciamento por objetivos na coordenação de situações críticas onde o SCO é utilizado.

USO DE PLANOS DE AÇÃO

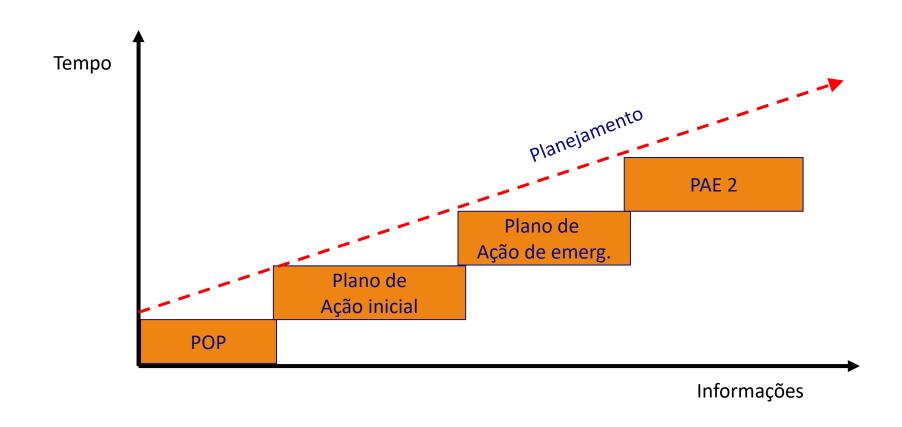
O Plano de Ação deve responder algumas questões:

- ✓ Quem executará a ação?
- ✓ O que fazer?
- ✓ Onde a ação será realizada?
- ✓ Quando iniciar e terminar?
- ✓ Como será realizada a ação?
- ✓ Quais recursos serão empregados?





USO DE PLANOS DE AÇÃO





PRINCÍPIOS DO SCO

- 1. Comando único ou unificado
- 2. Administração por objetivos
- 3. Uso de Planos de Ação
- 4. Uso de formulários padronizados
- 5. Estabelecimento e transferência de comando
- 6. Cadeia e unidade de comando
- 7. Adequada amplitude de controle

USO DE FORMULÁRIOS PADRONIZADOS

O SCO recomenda o emprego de formulários pré-estabelecidos com vistas à padronização do registro de informações e recursos, a consolidação do plano de ação e a documentação de tudo que foi realizado durante a operação. O formato dos formulários, além do seu fluxo previamente determinado, estabelece os canais de comunicação vertical e horizontal do SCO, consolidando a cadeia e unidade de comando.

PRINCÍPIOS DO SCO

- 1. Comando único ou unificado
- 2. Administração por objetivos
- 3. Uso de Planos de Ação
- 4. Uso de formulários padronizados
- 5. Estabelecimento e transferência de comando
- Cadeia e unidade de comando
- 7. Adequada amplitude de controle

ESTABELECIMENTO E TRANSFERÊNCIA DE COMANDO

O SCO recomenda enfaticamente que entre os primeiros que chegam na cena da emergência alguém assuma formalmente o comando da operação. A partir daí, as demais funções vão sendo implementadas de acordo com a necessidade e a disponibilidade de pessoal.



ESTABELECIMENTO E TRANSFERÊNCIA DE COMANDO

A transferência de comando ocorre quando:

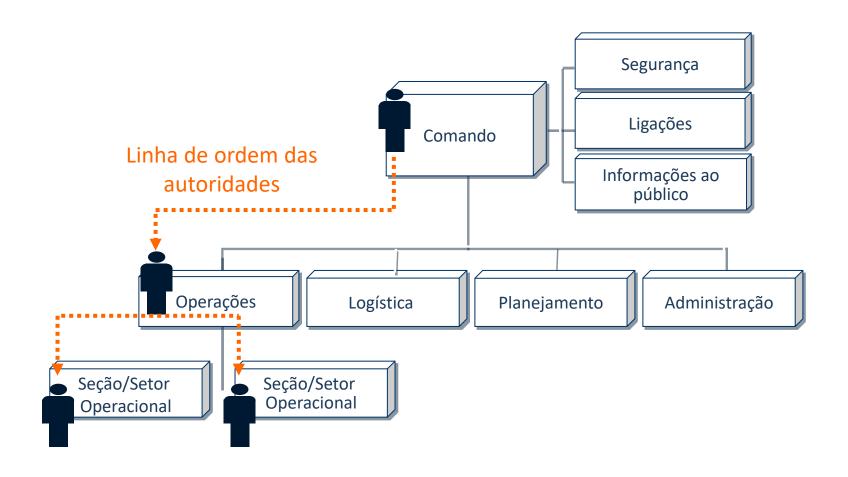
- ✓ uma autoridade de nível hierárquico superior chega para assumir o comando
- ✓ necessidade legal das agências
- ✓ a situação se altera ao longo do tempo exigindo tal transferência (chegada de um especialista)
- ✓ o evento se prolonga exigindo uma rotatividade normal de comando
- ✓ a situação volta a normalidade e o comando retorna a organização de origem

- 1. Comando único ou unificado
- 2. Administração por objetivos
- 3. Uso de Planos de Ação
- 4. Uso de formulários padronizados
- 5. Estabelecimento e transferência de comando
- 6. Cadeia e unidade de comando
- 7. Adequada amplitude de controle

CADEIA E UNIDADE DE COMANDO

Dentro do SCO cada elemento que se integra ao sistema deve reportarse apenas a uma pessoa, e todos no sistema devem se reportar a alguém.

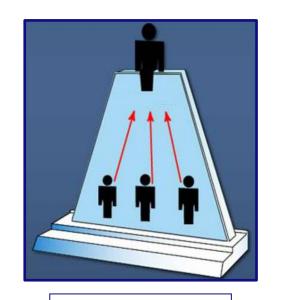
CADEIA E UNIDADE DE COMANDO



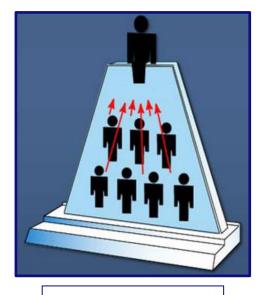
- 1. Comando único ou unificado
- 2. Administração por objetivos
- 3. Uso de Planos de Ação
- 4. Uso de formulários padronizados
- 5. Estabelecimento e transferência de comando
- 6. Cadeia e unidade de comando
- 7. Adequada amplitude de controle

AMPLITUDE DE CONTROLE

Um único coordenador deve atuar com um limite entre três e sete equipes ou funções.







Máximo

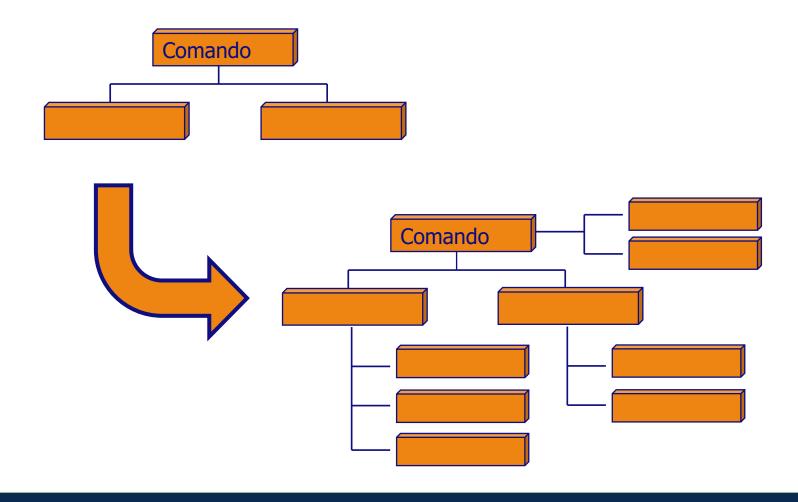


- 8. Organização modular e flexível
- 9. Emprego de terminologia comum
- 10. Instalações, áreas e zonas padronizadas
- 11. Gerenciamento integrado de recursos
- 12. Gerenciamento integrado das comunicações
- 13. Gerenciamento integrado de informações
- 14. Controle da mobilização/desmobilização

ORGANIZAÇÃO MODULAR E FLEXÍVEL

- ✓ Ao implementar o SCO, apenas as funções necessárias para alcançar os objetivos são ativadas
- ✓ A estrutura do SCO pode ser adaptada a várias situações (simples e complexas)
- ✓ Cada função deve ser ocupada por uma pessoa

ORGANIZAÇÃO MODULAR E FLEXÍVEL





- 8. Organização modular e flexível
- 9. Emprego de terminologia comum
- 10. Instalações, áreas e zonas padronizadas
- 11. Gerenciamento integrado de recursos
- 12. Gerenciamento integrado das comunicações
- 13. Gerenciamento integrado de informações
- 14. Controle da mobilização/desmobilização

EMPREGO DE TERMINOLOGIA COMUM

O SCO recomenda o uso de terminologia comum para facilitar a comunicação entre as pessoas e as organizações envolvidas na operação.

O uso de códigos e expressões peculiares a uma determinada atividade ou organização deve ser evitado a fim de não dar margem a interpretações inadequadas ou falta de compreensão da mensagem.

EMPREGO DE TERMINOLOGIA COMUM

O uso de uma terminologia comum no SCO é importante para melhor definir:

- ✓ As funções dos integrantes
- ✓ Áreas e instalações
- ✓ Descrição dos recursos

- 8. Organização modular e flexível
- 9. Emprego de terminologia comum
- 10. Instalações, áreas e zonas padronizadas
- 11. Gerenciamento integrado de recursos
- 12. Gerenciamento integrado das comunicações
- 13. Gerenciamento integrado de informações
- 14. Controle da mobilização/desmobilização

INSTALAÇÕES, ÁREAS E ZONAS PADRONIZADAS

O SCO recomenda o uso padronizado de instalações, áreas e zonas de trabalho. As principais instalações são:

- ✓ Posto de comando
- ✓ Base de apoio
- Acampamento
- Centro de informações ao público
- ✓ Helibases
- Helipontos





INSTALAÇÕES, ÁREAS E ZONAS PADRONIZADAS

As principais áreas são:

- ✓ Área de espera (local onde os recursos operacionais são recepcionados, cadastrados e permanecem disponíveis até seu emprego)
- ✓ Área de concentração de vítimas (local onde as vítimas são reunidas, triadas e recebem atendimento inicial)

INSTALAÇÕES, ÁREAS E ZONAS PADRONIZADAS

O SCO recomenda também a organização em diferentes zonas de trabalho, divididas em:

- ✓ zona quente local de maior risco com acesso restrito
- ✓ zona fria local seguro que abriga as instalações e recursos que darão suporte à operação
- ✓ zona morna local intermediário não totalmente seguro com acesso e circulação igualmente restritos

- 8. Organização modular e flexível
- 9. Emprego de terminologia comum
- 10, Instalações, áreas e zonas padronizadas
- 11. Gerenciamento integrado de recursos
- 12. Gerenciamento integrado das comunicações
- 13. Gerenciamento integrado de informações
- 14. Controle da mobilização/desmobilização

O SCO orienta que todos os recursos empregados na operação sejam gerenciados de forma integrada.

Para isso, faz-se necessário que todos os recursos, pessoais ou materiais, sejam imediatamente encaminhados para uma Área de Espera, onde esses recursos são recepcionados, cadastrados e permanecerão disponíveis até seu emprego.

Quando o recurso chega na Área de Espera e está pronto para emprego imediato ele é chamado de recurso disponível. Quando o recurso entra em operação é considerado designado. Quando o recurso, por algum problema não pode ser empregado na operação, é chamado de indisponível.

recurso mobilizado recurso disponível recurso designado recurso indisponível recurso desmobilizado

Recurso único é o equipamento, somado ao seu complemento em pessoal, pronto para emprego tático na operação sob a supervisão de um líder: uma ambulância com sua equipe de socorristas, um helicóptero com sua tripulação, um bombeiro cinotécnico acompanhado de seu cão de busca, etc.



Equipe de intervenção é a combinação de recursos únicos do mesmo tipo agrupados para uma tarefa tática específica, sob a supervisão de um líder: a combinação de duas ou mais embarcações devidamente tripuladas e sob comando para resgatar pessoas ilhadas numa área de inundação.



Força-tarefa é qualquer combinação de diferentes recursos únicos constituída para uma tarefa tática específica, sob a supervisão de um líder: a combinação de viaturas de combate a incêndio, helicópteros e veículos de transporte de pessoal, devidamente tripulados, para controlar um incêndio florestal.



- 8. Organização modular e flexível
- 9. Emprego de terminologia comum
- 10. Instalações, áreas e zonas padronizadas
- 11. Gerenciamento integrado de recursos
- 12. Gerenciamento integrado das comunicações
- 13. Gerenciamento integrado de informações
- 14. Controle da mobilização/desmobilização

GERENCIAMENTO INTEGRADO DE COMUNICAÇÕES

A capacidade de comunicação entre os diferentes atores do SCO é fundamental para o sucesso de qualquer operação.

Para tal, faz-se necessário o desenvolvimento de um plano de comunicações (que diz quem conversa com quem e como) que estabelecerá diferentes redes de comunicação, de acordo com as necessidades da cada caso.

- 8. Organização modular e flexível
- 9. Emprego de terminologia comum
- 10. Instalações, áreas e zonas padronizadas
- 11. Gerenciamento integrado de recursos
- 12 Gerenciamento integrado das comunicações
- 13. Gerenciamento integrado de informações
- 14. Controle da mobilização/desmobilização

GERENCIAMENTO INTEGRADO DE **INFORMAÇÕES**

O SCO recomenda que a coleta de informações relativas a situação crítica devam ser obtidas, analisadas e disseminadas de forma a favorecer uma administração eficiente e eficaz do sistema, como, por exemplo:

- √ dados meteorológicos

- ✓ características geográficas
 ✓ informações populacionais
 ✓ dados sócio-econômicos e culturais
- ✓ explicações sobre fenômenos naturais específicos, etc.

- 8. Organização modular e flexível
- 9. Emprego de terminologia comum
- 10. Instalações, áreas e zonas padronizadas
- 11. Gerenciamento integrado de recursos
- 12. Gerenciamento integrado das comunicações
- 13. Gerenciamento integrado de informações
- 14 Controle da mobilização/desmobilização

CONTROLE DA MOBILIZAÇÃO E DA DESMOBILIZAÇÃO

O gerenciamento dos recursos (necessidade e alocação) deve ser realizado de forma eficiente e eficaz. A mobilização de pessoal e equipamentos deve ser gerenciada adequadamente por uma autoridade competente. Assim, uma unidade de mobilização e desmobilização pode ser necessária nos eventos de maior repercussão.

EXERCÍCIO EM EQUIPE

Vejam o cenário!!!!





CENÁRIO





CENÁRIO

inesperada inundação atinge uma pequena comunidade de sua cidade. Como resultado, um aglomerado de residências, casas comerciais e uma escola precisaram ser evacuadas. Boa parte da infraestrutura comunitária acabou danificada, incluindo a contaminação do abastecimento de água local, a queda de postes de eletricidade e a interrupção de algumas estradas. O isolamento, controle e segurança da área se faz necessária. Socorro público e assistência comunitária estão sendo providenciadas pelas comunidades do entorno.

EXERCÍCIO EM EQUIPE

Usando o que você aprendeu até agora, descreva de forma sucinta, como o SCO poderia ser usado para ajudar a controlar o problema.

Selecione um porta-voz no grupo e fique preparado para apresentar suas respostas para a turma em cerca de 3 minutos.

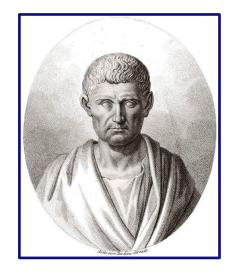
DÚVIDAS OU PERGUNTAS?





REFLEXÃO FINAL...

"Nós somos aquilo que fazemos repetidamente. Excelência, então, não é um modo de agir, mas um hábito."



Aristóteles



Unidade III Instalações, áreas e zonas de trabalho

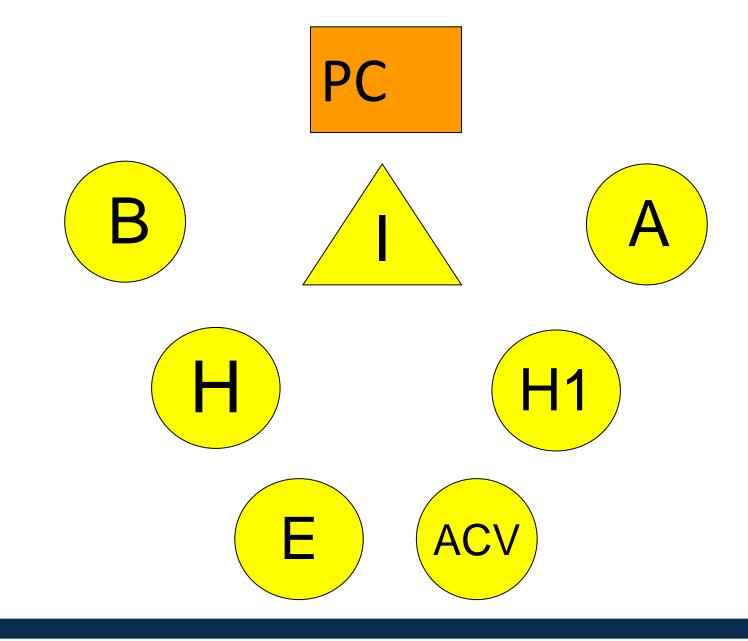




OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao final desta lição, os participantes do curso serão capazes de:

- 1. Enumerar, corretamente, as seis instalações, as duas áreas e as três zonas de trabalho padronizadas;
- 2. Identificar a simbologia correspondente a cada uma das instalações e áreas padronizadas num mapa de operação;
- 3. Diferenciar as zonas de trabalho recomendadas pelo SCO.





INSTALAÇÕES

- 1. Posto de Comando
- 2. Base
- 3. Acampamento
- 4. Centro de Informações ao Público
- 5. Helibase
- 6. Heliponto

O Posto de Comando é o local onde o Comando desenvolve as suas atividades de coordenar as ações na situação crítica. Pode ser um prédio, uma sala, uma barraca, um veículo ou simplesmente um local definido no terreno.

O Posto de Comando deve ser instalado todas às vezes em que for utilizado o SCO, independentemente do tamanho e da complexidade da situação crítica.



Quando instalar o Posto de Comando?

Instalar o Posto de Comando deve ser uma das primeiras ações a serem feitas quando se decide colocar o SCO em prática. Quando ele é ativado, desde o princípio da operação, toda a estrutura montada trabalhará tendo o Posto de Comando como referência, e será natural levar até ele informações e também lá buscar orientações.

O local escolhido para o Posto de Comando deve atender a alguns requisitos:

- ✓ Deve estar em um local seguro
- ✓ O local escolhido deve permitir, se possível, a visualização da situação crítica
- ✓ Fácil localização e acesso
- ✓ Deve estar abrigado dos elementos naturais
- ✓ Deve permitir a sua expansão física









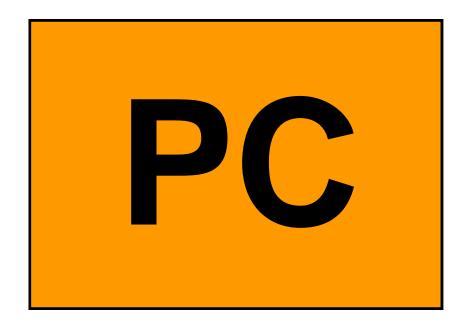


POSTO DE COMANDO/COEDC













BASE

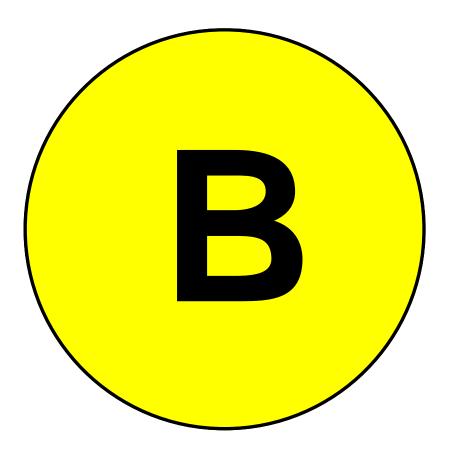
As bases de apoio são os locais onde são desenvolvidas as atividades logísticas, que incluem abastecimento e manutenção de veículos, reparo e substituição de equipamentos e materiais, estoque de suprimentos, etc.

Elas são instaladas somente em eventos mais complexos que exigem maior aporte logístico ou durante operações mais prolongadas.

BASE



BASE







ACAMPAMENTO

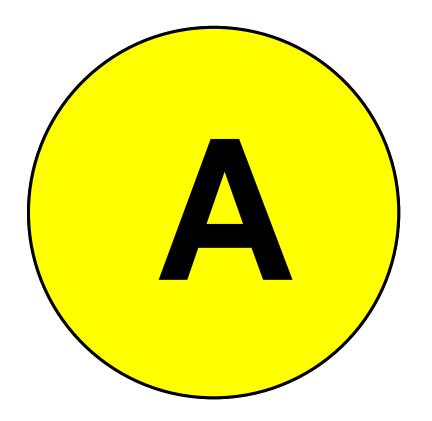
Os acampamentos são os locais de apoio dos recursos humanos da operação, ou seja, o local onde as pessoas conseguem alojamento, alimentação, atendimento médico, assistência psicológica, área para banho, etc.

Eles são instalados somente em eventos mais prolongados ou naquelas situações em que a natureza do evento exige o deslocamento de recursos operacionais a partir de áreas mais distantes.

ACAMPAMENTO



ACAMPAMENTO



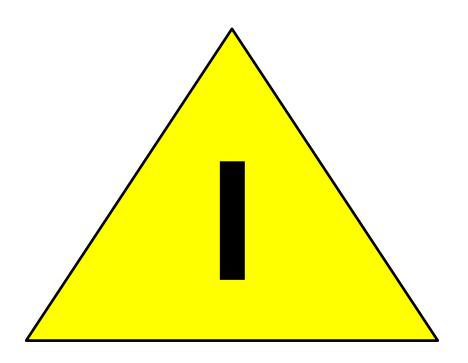


CENTRO DE INFORMAÇÕES AO PÚBLICO

Os Centros de Informações ao Público são os locais onde são desenvolvidas as atividades de atendimento à mídia.



CENTRO DE INFORMAÇÕES AO PÚBLICO





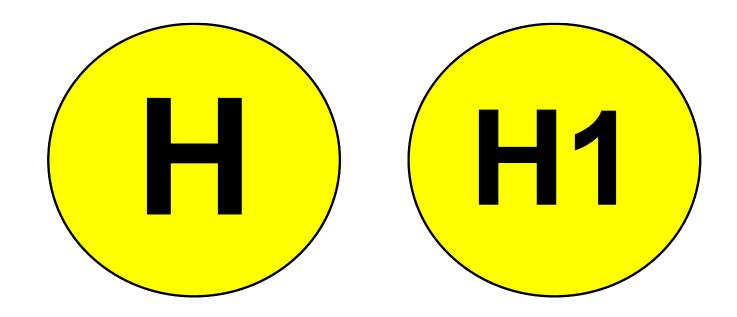
HELIBASE E HELIPONTO

Helibases são locais onde são desenvolvidas as atividades de suporte às operações aéreas (estacionamento, abastecimento e manutenção de aeronaves).

Já os helipontos são locais destinados somente ao embarque e desembarque de pessoal e equipamentos em aeronaves.



HELIBASE E HELIPONTO



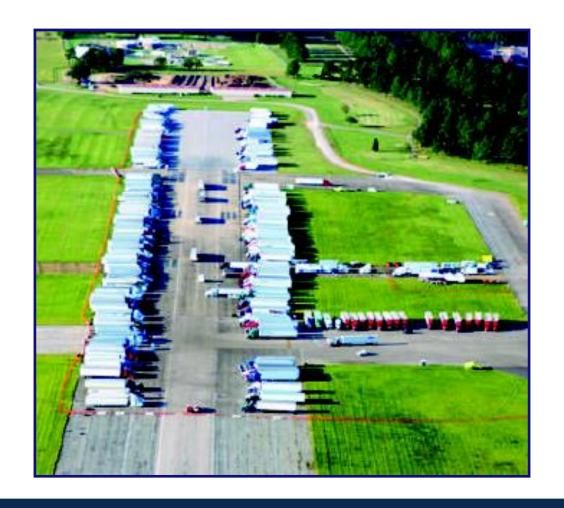


ÁREAS

- 1. Área de Espera
- 2. Área de Concentração de Vítimas

A Área de Espera é um local, delimitado e identificado, para onde se dirigem os recursos operacionais que se integrarem ao SCO.

Na Área de Espera é realizado um procedimento de recepção em que os recursos são cadastrados.

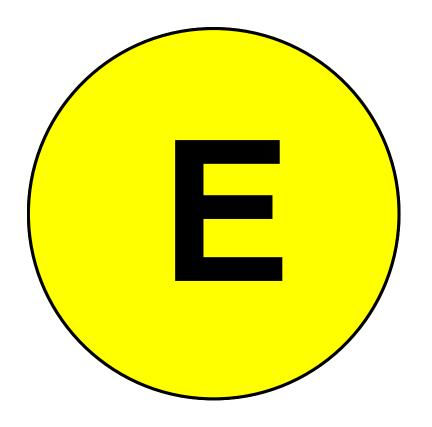


Quando a Área de Espera deve ser ativada?

Ao perceber que muitos recursos operacionais serão reunidos durante a operação na situação crítica, o SCO deve se preocupar em designar alguém para instalar a Área de Espera.

O local escolhido para a Área de Espera deve atender a alguns requisitos:

- ✓ Deve ser Instalado em local seguro, assim como o Posto de Comando.
- ✓ O tamanho deve ser adequado à quantidade e ao tipo de recursos operacionais que serão recepcionados.
- ✓ O piso também deve ser adequado ao tamanho e ao tipo de recursos operacionais.





ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DE VÍTIMAS

A área de concentração de vítimas é o local onde os vitimados pela situação crítica são reunidos, triados e recebem atendimento inicial até serem transportadas para estabelecimentos hospitalares.

Ela deve ser instalada logo depois de identificada a existência de múltiplas vítimas na cena de emergência.

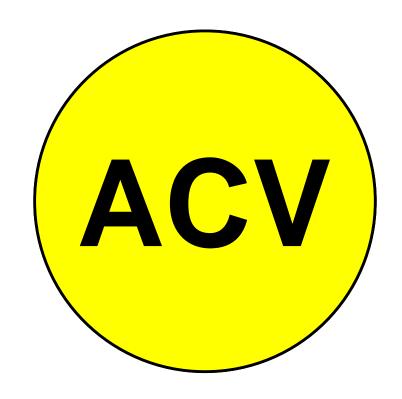
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DE VÍTIMAS



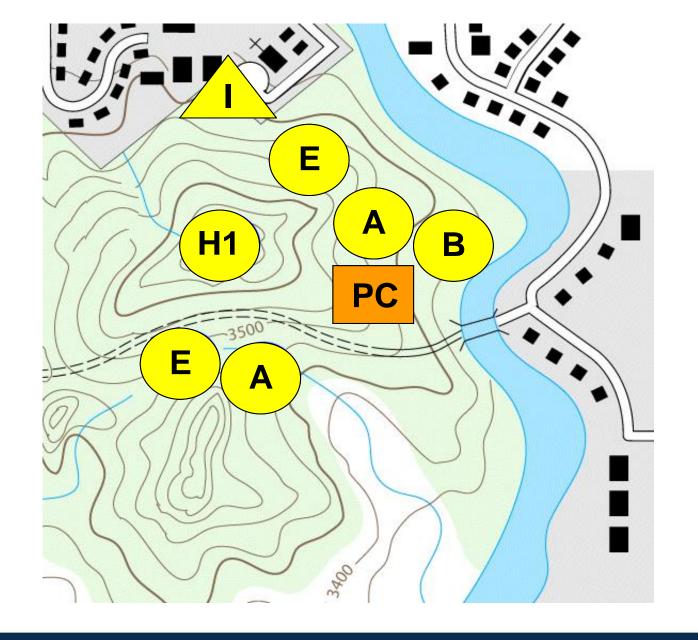




ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DE VÍTIMAS







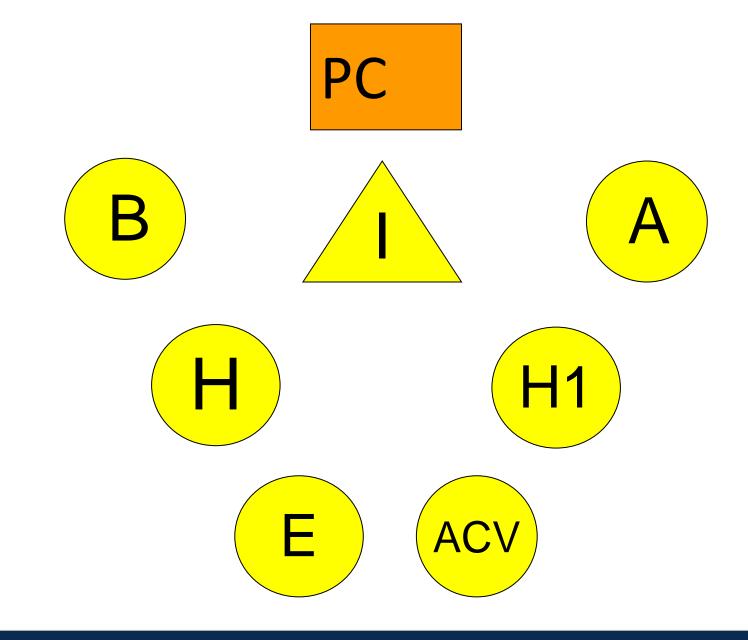
ZONAS DE TRABALHO

O SCO recomenda a organização da área envolvida em diferentes zonas de trabalho:

- ✓ zona quente local de maior risco com acesso restrito
- ✓ zona morna local intermediário não totalmente seguro com acesso e circulação igualmente restritos
- ✓ zona fria local seguro que abriga as instalações e recursos que darão suporte à operação

ZONAS DE TRABALHO







OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao final desta lição, os participantes do curso serão capazes de:

- 1. Enumerar, corretamente, as seis instalações, as duas áreas e as três zonas de trabalho padronizadas;
- 2. Identificar a simbologia correspondente a cada uma das instalações e áreas padronizadas num mapa de operação;
- 3. Diferenciar as zonas de trabalho recomendadas pelo SCO.

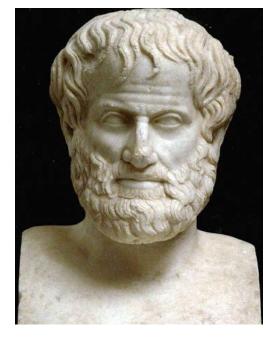
DÚVIDAS OU PERGUNTAS?





REFLEXÃO FINAL...

"Todos os homens tem, por natureza, um desejo de conhecer."



ARISTÓTELES



Unidade IV Planejamento em situações críticas



OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao final desta lição, os participantes do curso serão capazes de:

- 1. Conceituar planejamento;
- 2. Descrever as questões a serem respondidas ao elaborar tarefas em um plano de ação;
- 3. Elaborar um plano de ação para uma situação crítica com base nos passos preconizados para o processo de planejamento em situações críticas.

PLANEJAMENTO

Planejamento é a ação de visualizar uma situação final desejada e determinar meios efetivos para concretizar esta situação.

Auxilia o comando na tomada de decisões em um ambiente incerto e limitado pelo tempo.

PLANEJAMENTO

O planejamento em eventos de alto risco deve responder às perguntas básicas:

- ✓ Para onde vou?
- ✓ Como vou?
- ✓ Com que recursos?
- ✓ Como sei que cheguei?

Avaliar o cenário e tendências:

No primeiro momento, cumpre reunir as informações disponíveis, a fim de construir uma percepção do que aconteceu, qual a magnitude e os efeitos, bem como traçar uma perspectiva de evolução do evento.

Definir o objetivo estratégico

De um modo geral o objetivo estratégico em um evento de alto risco estabelecerá como prioridade:

- 1. Preservar vidas
- 2. Estabilizar o evento
- 3. Preservar o meio ambiente e sistemas coletivos
- 4. Proteger propriedades

Definir os objetivos táticos

Neste passo determinamos quais os objetivos intermediários que, uma vez alcançados, garantem que alcançaremos o objetivo estratégico.

Os objetivos devem ser:

- ✓ Claros
- ✓ Específicos
- ✓ Mensuráveis

Escolha da melhor linha de ação

Na escolha da melhor linha de ação os gerenciadores avaliam todas as linhas de ação comparando-as entre si, escolhendo aquela que provavelmente propiciará que se alcance o objetivo.

Definir tarefas

Uma vez identificados os objetivo estratégicos e os objetivos táticos, bem como a linha de ação para alcança-los, a definição de tarefas estabelece ações específicas que deverão ser desempenhadas pelo nível operacional.

A atribuição de tarefas deve deixar claro:

- ✓ Quem
- ✓ Faz o quê
- ✓ Onde
- ✓ Quando
- ✓ Como
- ✓ Com que recursos

Desenvolver planos e ordens

O plano de ação é o principal plano utilizado no gerenciamento de eventos, e serve para consolidar e disseminar um conjunto de objetivos e tarefas válidos para um determinado espaço de tempo.

Transmissão de ordens

A transmissão constitui um meio ordenado de planos e ordens serem repassados àqueles que o implementarão, deixando claras suas intenções e pontos chave de forma a garantir uma seqüência coerente do planejamento à ação.

Acompanhar a execução

A execução do plano deve ser realizada com base nos objetivos e tarefas definidos, buscando identificar desvios do planejamento, contingências e efeito das ações.

Implementar melhorias

Finalmente, com base no acompanhamento da execução, melhorias podem ser implementadas no decorrer das ações a fim de corrigir erros ou adaptar o plano às mudanças do cenário do evento.

PLANO DE AÇÃO

A ferramenta para consolidar o gerenciamento por objetivos na coordenação de situações críticas onde o SCO é utilizado é o Plano de Ação e fornece aos órgãos, agências e equipes envolvidas o conhecimento das prioridades e objetivos.

O <u>Plano de Ação</u> deve estipular um período para ser executado, os objetivos a serem alcançados e as tarefas a serem cumpridas.

EXERCÍCIO

Em um posto de gasolina está estacionado um veículo do tipo caminhão tanque, que transporta um produto líquido extremamente perigoso. No momento de manobrar, uma das válvulas se rompe e o líquido começa a vazar em grande quantidade, espalhando-se pela área e indo para galerias pluviais, infiltrando-se no solo e emanando vapores perigosos. O motorista sai do caminhão correndo e tenta verificar o que ocorreu, mas fica desacordado. Pessoas que estavam próximas fogem e uma delas aciona o sistema de emergência.

EXERCÍCIO

Na sequência pode-se observar a chegada de diversos recursos operacionais: chegam uma viatura policial, uma viatura de bombeiro e uma viatura de defesa civil. As viaturas param a uma distância segura e seus ocupantes se reúnem, tomando a decisão de iniciar o SCO e estabelecer o comando unificado composto pelos três: policial mais graduado no local, bombeiro mais graduado no local e representante da defesa civil.

EXERCÍCIO

Em grupo, elabore um Plano de Ação que responda as seguintes questões:

- ✓O que fazer?
- ✓ Quem executará a ação?
- ✓Onde a ação será realizada?
- ✓ Quando iniciar?
- √ Como será realizada a ação?
- ✓ Quais recursos serão empregados?

OBJETIVOS DA LIÇÃO

Ao final desta lição, os participantes do curso serão capazes de:

- 1. Conceituar planejamento;
- 2. Descrever as questões a serem respondidas ao elaborar tarefas em um plano de ação;
- 3. Elaborar um plano de ação para uma situação crítica com base nos passos preconizados para o processo de planejamento em situações críticas.

DÚVIDAS OU PERGUNTAS?





REFLEXÃO FINAL...

"Conheço muitos que não puderam quando deviam, porque não quiseram quando podiam".

François Rabelais, autor da obra Gargântua e Pantagruel, publicada no século XVI.





defesacivil.es

Unidade V SCO adaptado para o Centro de Operações de **Emergência em Defesa Civil**





PLANO

Conceito de coordenação

SCO adaptado

Organograma e funções

Ciclo de planejamento

P_dC (Plano de Coordenação)

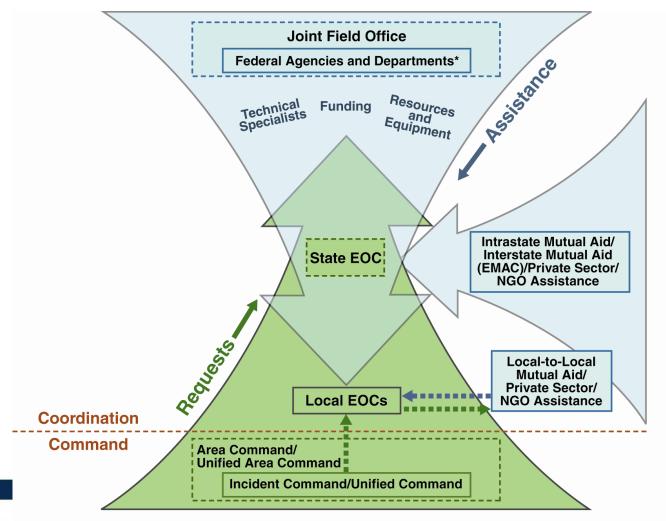
Simulado de preparação do Cidec.

Centro de operações e emergências em defesa civil

CONCEITO DE COORDENAÇÃO

O conceito de coordenação se alicerça na premissa de que o chefe do executivo, em seu posto de observação, tenha a visão do todo em relação aos esforços no terreno para o enfrentamento das consequências do evento. Além disso, a estrutura deve garantir uma linha clara de autoridade como também a unidade de esforços entre todas as agências, ou seja, o Governador atua como um chefe da núcleo estratégico, estabelecendo objetivos estratégicos a serem atingidos por todos os envolvidos no quadro do incidente.

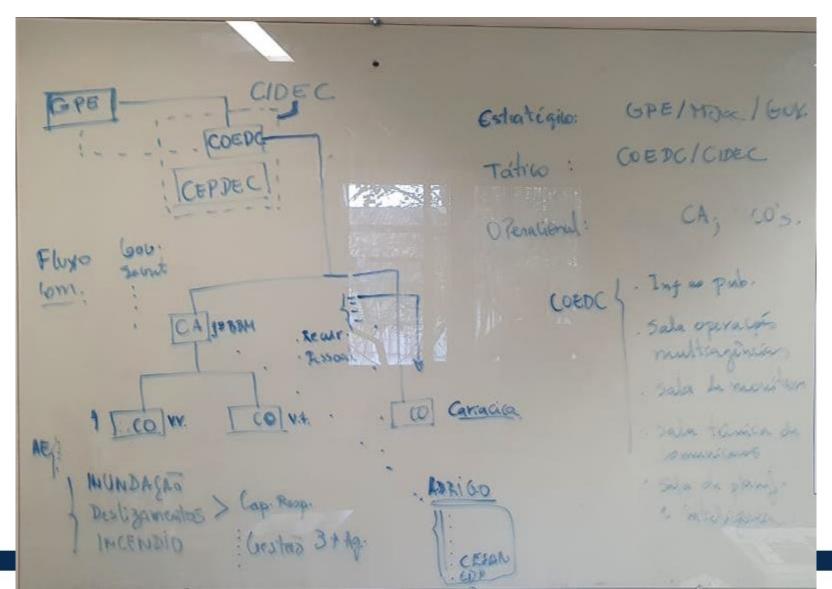
Centro de operações e emergências em defesa civil



Múltiplos Incidentes com Comando de Área e COEDC





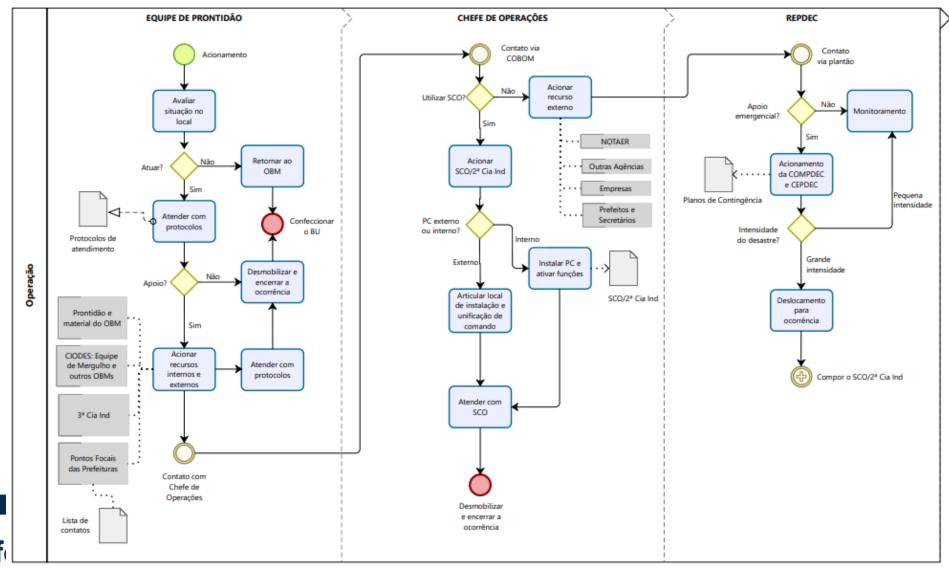




www.defesacivil.es.gov.br

Conceito de Coordenação

Fluxograma de operações da 2ª Cia Ind

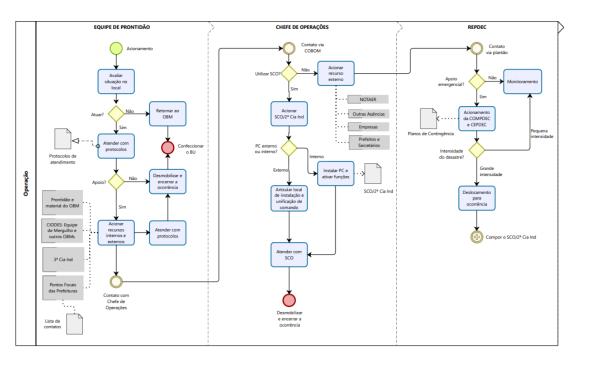








Fluxograma de operações da 2ª Cia Ind



Conceito de Coordenação

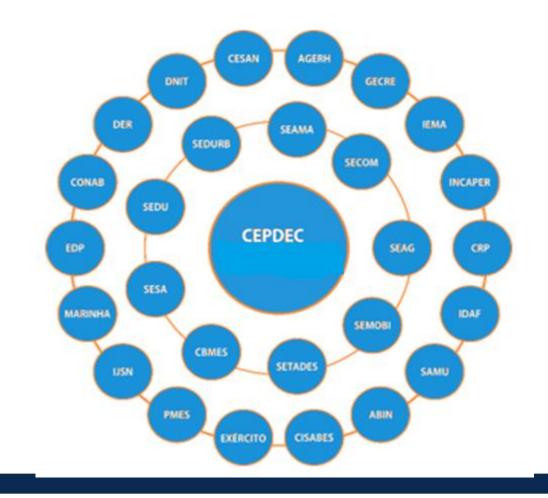




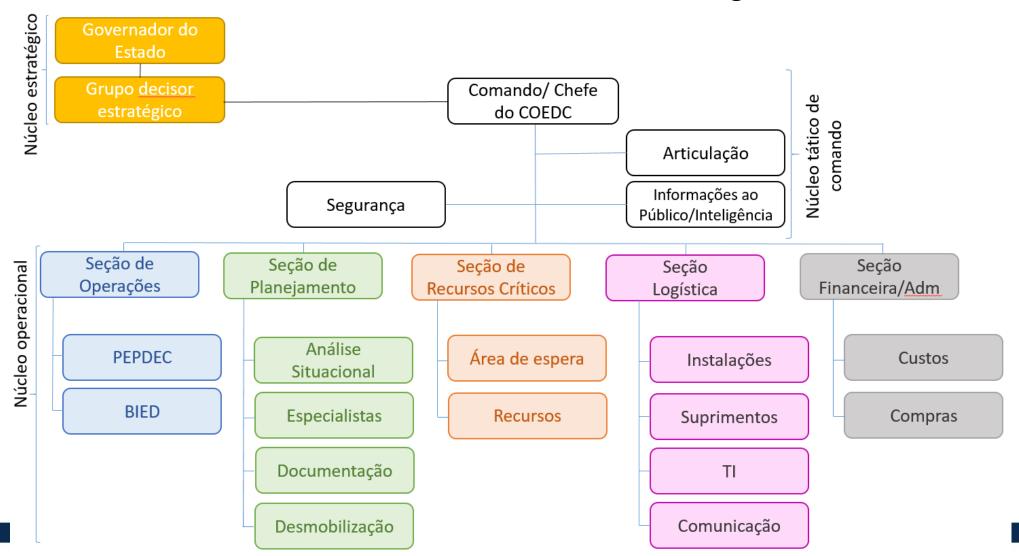


Agências e partícipes. Todas as agencias do Pepdec.

Infraestrutura Resposta/Salvamento Assistência as vítimas/ Ajuda humanitária



Estrutura organizacional do COEDC





NÍVEL DE ATIVAÇÃO DO COEDC

Totalmente Ativado

Incidente cuja magnitude requeira a totalidade das funções do centro no monitoramento e recursos.

Todas as funções e sala multi-agências ativadas

Parcialmente Ativado

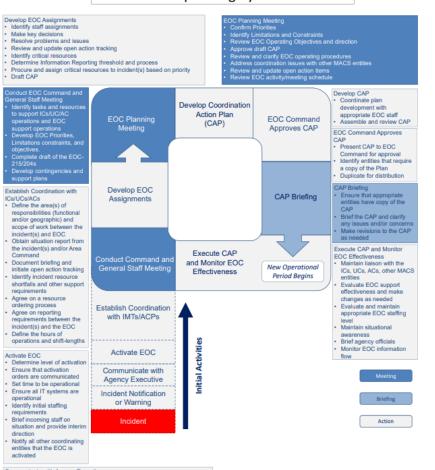
Evento que requeira significante monitoramento ou recursos.

Sala multi-agências e núcleo operacional ativados conforme relação com o evento.

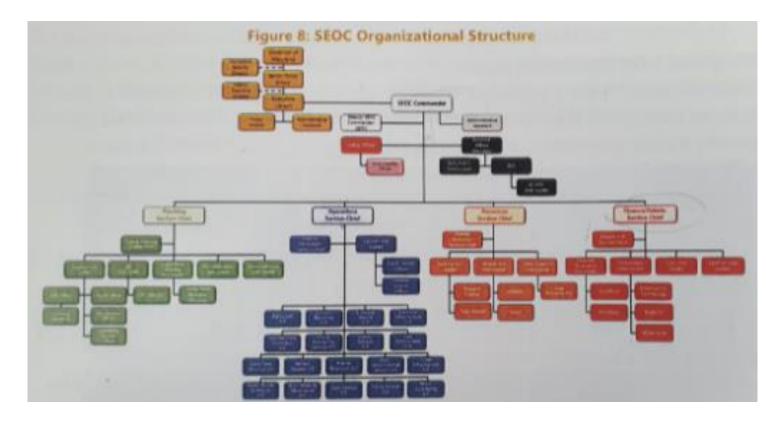
Normal

Rotina operacional sem antecipação de evento ou ameaça. Monitoramento 24/7 e analise situacional convencional.

Emergency Operations Center Operating Cycle



SCO Adaptado





Agree on reporting requirements including critical information and timelines Identify limitations & constraints

Establish priorities

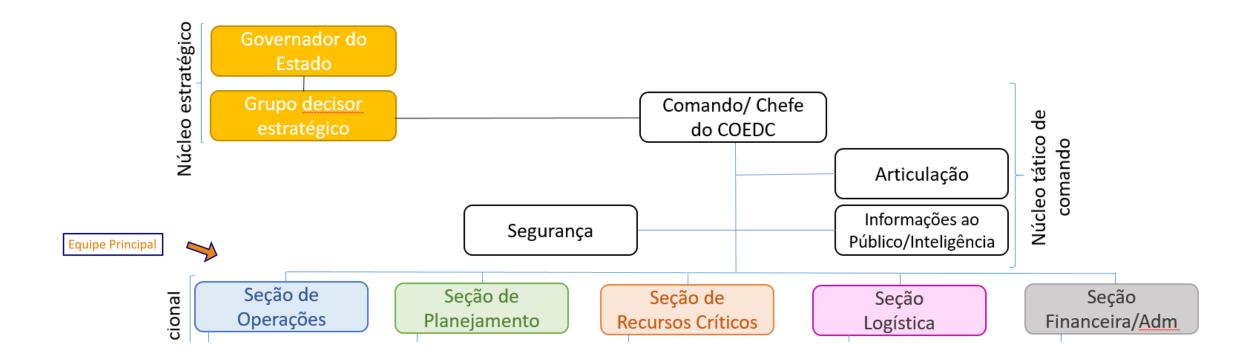
Define social, political, economic and environmental issues

Identify cost constraints

Discuss any interagency concerns detesacivil.es

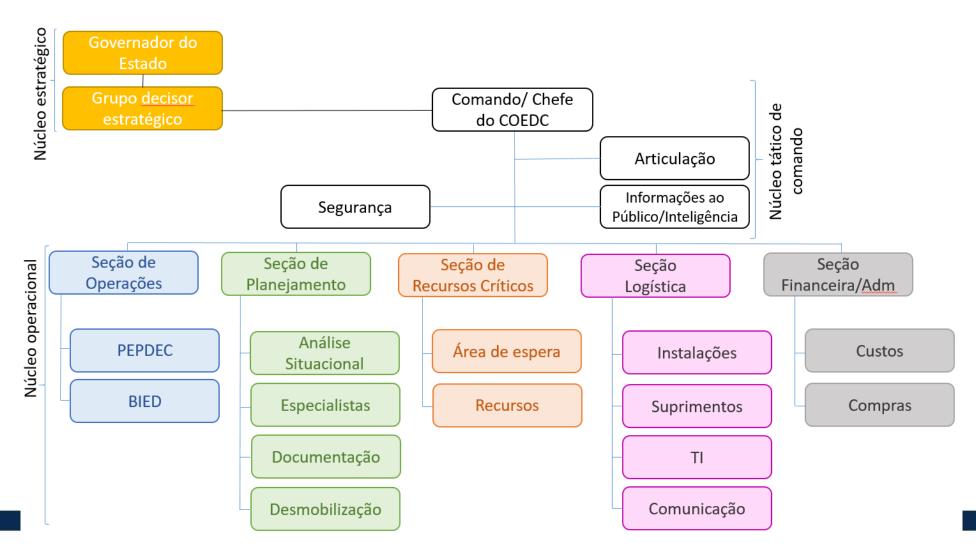


Estrutura organizacional e principais

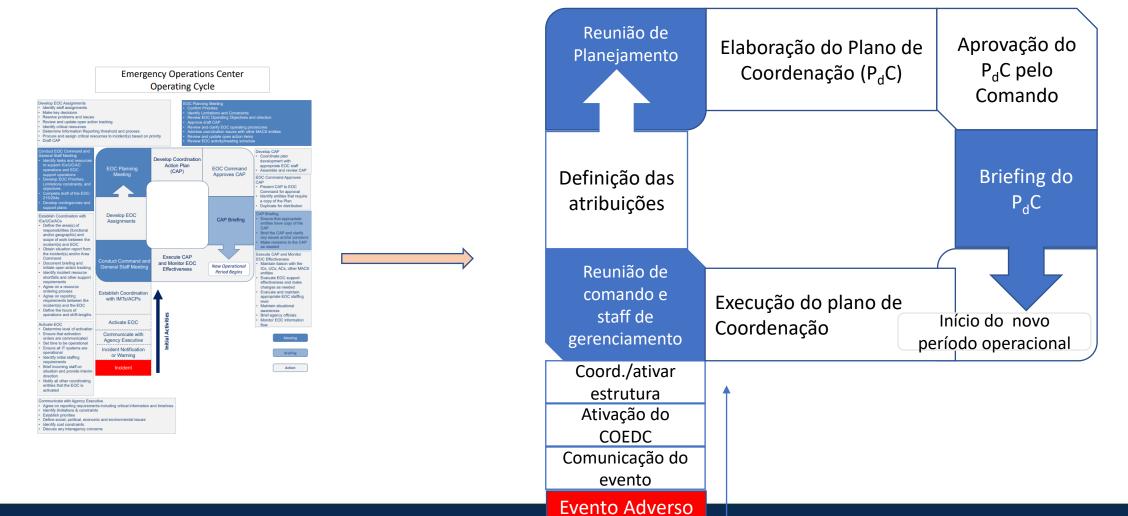




Principais funções

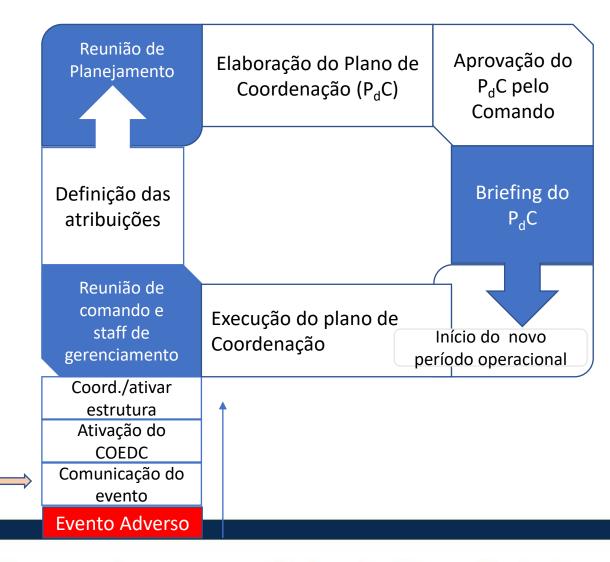


Ciclo de Planejamento P_modificado para EOC



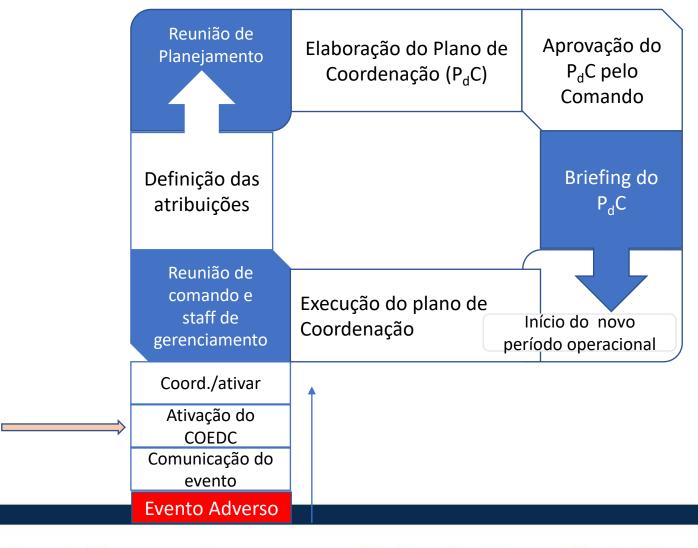


- Comunicar supervisor do Cidec
- Monitoramento 24/7 por meio do plantão do COEDC;
- Produção de releases padronizados para divulgação;
- Obtenção de informações preliminares dos CO instalados em cena do desastre;
- Construção de relatórios;
- Identificação das condições de contorno do desastre, tais como o alcance e limitações, previsões entre outros;
- Definição dos problemas sociais, políticos, econômicos e ambientais provocados pelo desastre;
- Delimitação das demandas e interações entre agências.



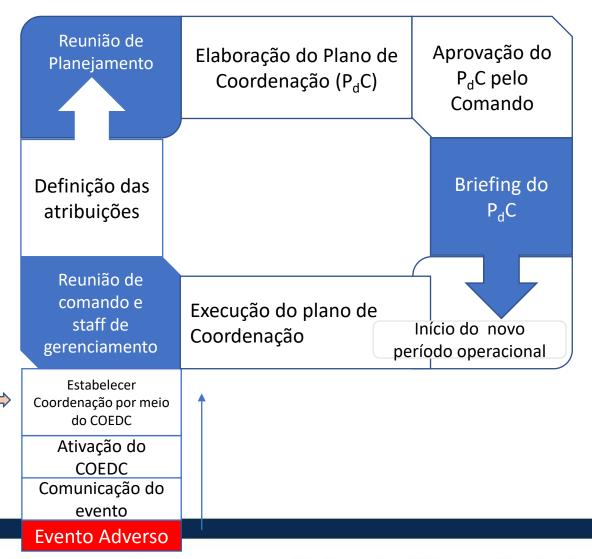


- Supervisor do Cidec define o nível de ativação do centro;
- Supervisor verifica a necessidade de ativação do GDE;
- Assegurar que o plano de chamada foi executado e equipes foram acionadas;
- Definição do período operacional preliminar para gerenciamento estadual;
- Assegurar que as funcionalidades (TIC) do centro estão todas operacionais.
- Identificar os requisitos demandados do "Staffing" acionado (habilidades);
- Briefing da equipe acionada com orientações preliminares;
- Notificar todos os membros do PEPDEC, alto escalão do estado e partícipes, sobre



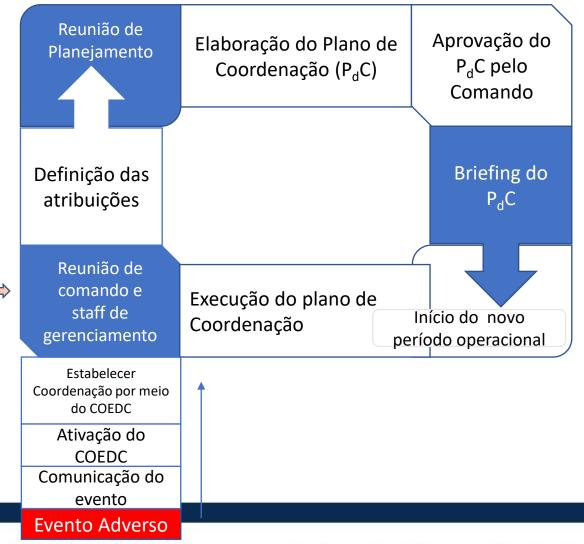


- Delimitar áreas e responsabilidades das agências (PEPDEC);
- Obter relatórios atualizados da cena (CO/CA-209);
- Providenciar documento de Briefing situacional para reunião de staff (COE-209);
- Identificar demanda de recursos oriundas da cena;
- Definir data-hora (COE-230) da operação e duração de turnos.



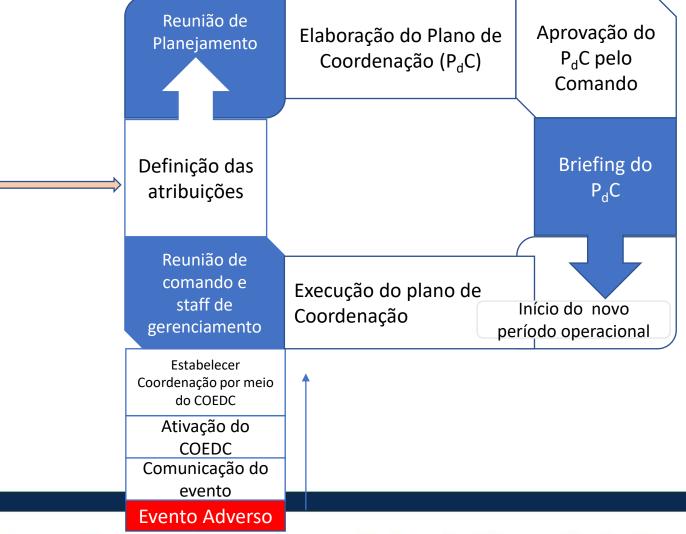


- Reunião do comando, núcleo tático e chefes de seções no núcleo operacional;
- Identificar tarefas e recursos para apoiar os CO/CA na cena;
- Delimitar prioridades do COEDC e condições de contorno do desastre (COE-205);
- Definir objetivos (COE-205) do COEDC para o período operacional;
- Redigir os rascunhos do COE-204 e COE-215 (alocação de recursos) preliminar.
- Desenvolver plano de apoio para as ações na cena (prateleira do PEPDEC).



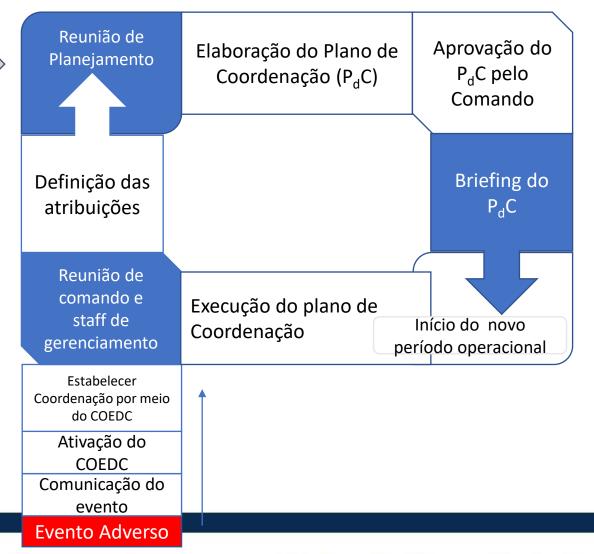


- Identificar as atribuições da função;
- Tomada decisões chaves;
- Solucionar problemas e preocupações imediatas (COE-233);
- Revisar e atualizar o rastreamento das ações em aberto;
- Identificar recursos críticos;
- Delimitar/orientar processo de relatório de informações;
- Adquirir e atribuir recursos críticos na cena de acordo com ranqueamento de prioridades.
- Rascunhar P_dC



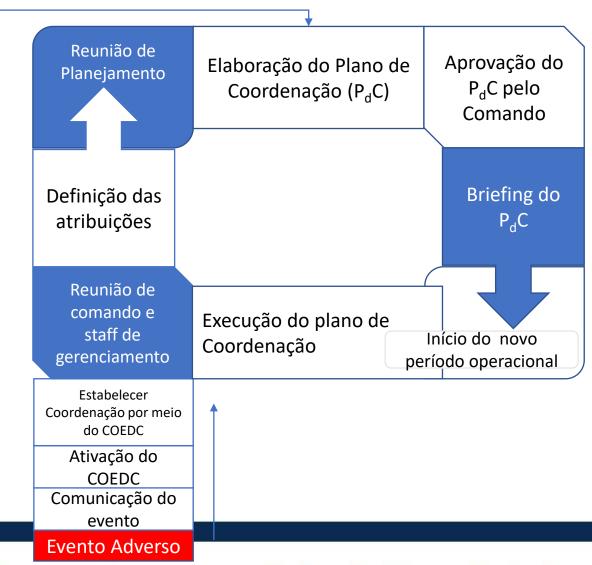


- Confirmar prioridades;
- Identificar condições de contorno do desastre e limitações;
- Rever os objetivos operacionais do COEDC e direcionamento;
- Aprovar Rascunho do P_dC;
- Rever e esclarecer os procedimentos operacionais do COEDC;
- Abordar problemas/preocupações de coordenação com outras agências e entidades;
- Rever e atualizar ações em aberto (COE-233);
- Rever agenda de atividades e reuniões (COE-230).

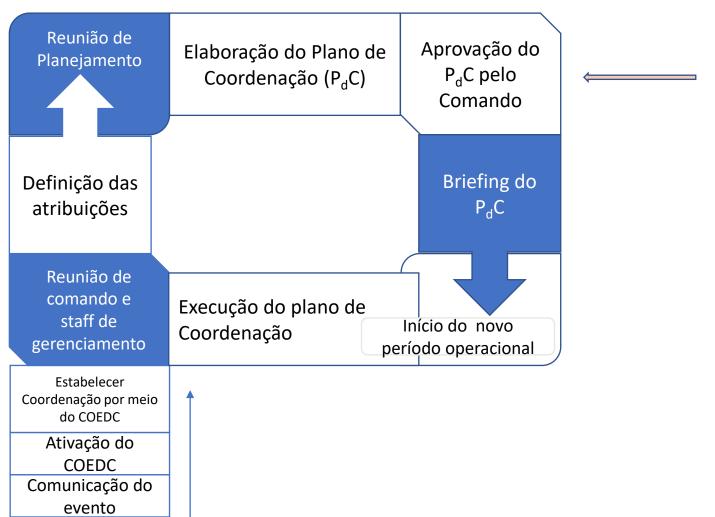




- Coordenar a elaboração e construção do plano com o "staff" competente;
- Montar e rever o plano.

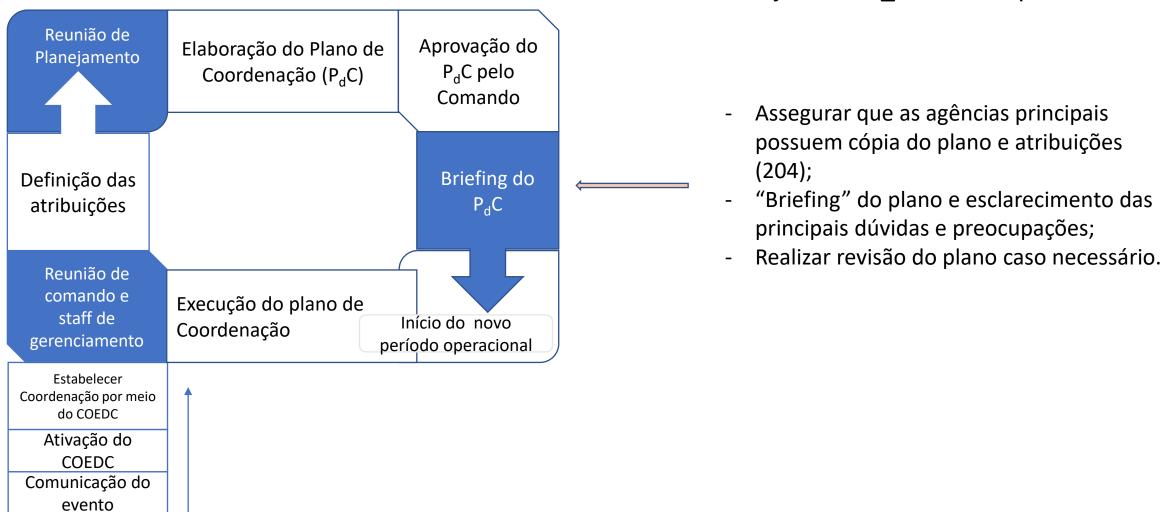






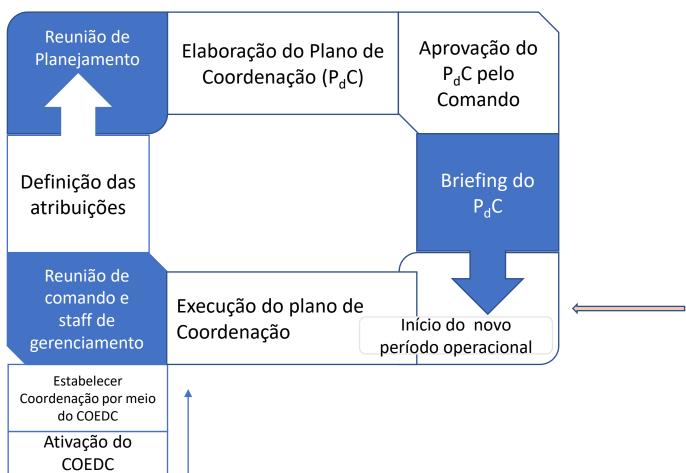
- Apresentação do P_dC para aprovação do Comando Centro;
- Identificar quais agências precisam da cópia do plano;
- Distribuir e duplicar.

Evento Adverso





Evento Adverso

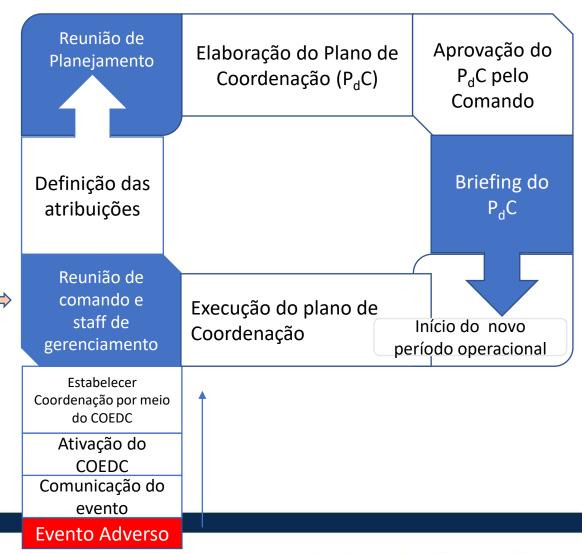


- Execução do P_dC;
- Monitoramento e acompanhamento das ações;
- Manter contato com Agências e entidades;
- Avaliar o desempenho e eficácia do P_dC e ações;
- Avaliar o nível de ativação e estrutura do COEDC;
- Manter consciência situacional;
- Briefing dos comandos de CO e diretores de agências.
- Briefing do GDE;
- Monitorar fluxo de informações.

Comunicação do evento

Evento Adverso

- Avaliar P_dC e reiniciar ciclo de planejamento
- Identificar tarefas e recursos críticos para apoiar os CO/CA na cena;
- Delimitar prioridades e condições de contorno do desastre;
- Definir objetivos do período operacional;
- Delimitar os rascunhos do 204 e 215.
- Desenvolver plano de contingência e suporte para cena.





DÚVIDAS OU PERGUNTAS?





REFLEXÃO FINAL...

"Conheço muitos que não puderam quando deviam, porque não quiseram quando podiam".

François Rabelais, autor da obra Gargântua e Pantagruel, publicada no século XVI.





defesacivil.es

Realização:



OBRIGADO!

Fábio Mauricio R Pereira

Maj BM Chefe do Departamento de Integração do CIDEC

Email: fabio.pereira@bombeiros.es.gov.br

Insta:@fabio_mauricio30





MAJ FABIO MAURICIO PEREIRA

defesacivil.es
 www.defesacivil.es.gov.br

Departamento de Integração Coordenadoria Estadual de Proteção e Defesa Civil

#DefesaCivilSomosTodosNos